

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: 69

Data: 05.10.82 Pg.: \_\_\_\_\_

### Funai desmente transferência ilegal de índios

O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), coronel Paulo Moreira Leal, negou ontem que os índios Pataxó-Há-há-há tenham sido transferidos "sigilosamente" de suas terras, que comportam 36.500 hectares no município de Pau Brasil (BA) para o Centro Experimental de Almada, com apenas 120 hectares, no final da tarde de domingo.

— Foi o Instituto de Terras da Bahia (Iterba) quem decidiu tudo, tendo em vista sua infra-estrutura, mas a transferência foi feita às claras, disse o coronel.

Antes da mudança dos índios ele havia garantido que chamaria os jornalistas para testemunharem que o ato estava sendo realizado por livre e espontânea vontade dos Pataxós, o que não foi feito. Ontem salientou que a área está livre para a visita da imprensa.

Ele admitiu que os índios não podem se sentir satisfeitos numa área de 120 hectares, quando tinham muito mais, mas fez questão de esclarecer que desde abril os quase 400 Pataxó estavam "confinados numa área de 20 hectares".

O coronel garantiu, ainda, que as quatro famílias que haviam se recusado a deixar suas terras, prometeram que as deixariam até o final da tarde de ontem "sem violência".

O coronel Paulo afirmou que, caso essas famílias insistam em permanecer na aldeia de Caramuru-Paraguassu, a Funai, de acordo com o Estatuto do Índio, lhes dará total cobertura, mas vai tentar convencê-las a deixarem o lugar. Extra-oficialmente o número de índios que se recusam a abandonar o lugar é de 106.

Ele creditou à ação de "agitadores que estão querendo subverter a ordem" a chegada, em Almada, de pessoas se fazendo passar por índios "com o objetivo de angariar os benefícios da Funai".

Paulo Leal afirmou que o clima em Pau Brasil é de absoluta calma e que apenas três homens da Polícia Federal guardam a região em conflito; que é cobijada por 400 fazendeiros ali instalados e que segundo o coronel, são "os maiores exportadores de cacau do país".

— Os índios estão sendo alojados na área por eles escolhida, onde fica um centro de pesquisas científicas em torno do maracujá, abacaxi, peixes e porcos, que foi desativado para recebê-los, tendo os cientistas entregado a chave de suas casas, que abrigarão os índios, ao Iterba, que as entregou à Funai, que conseguiu ainda, 100 barracas especiais com a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

O coronel Paulo reafirmou em sua "certeza" de que os índios vão ganhar a posse das suas terras na Justiça, no entanto, disse que a se a decisão for contrária a sua esperança se curvará respeitando o veredito.

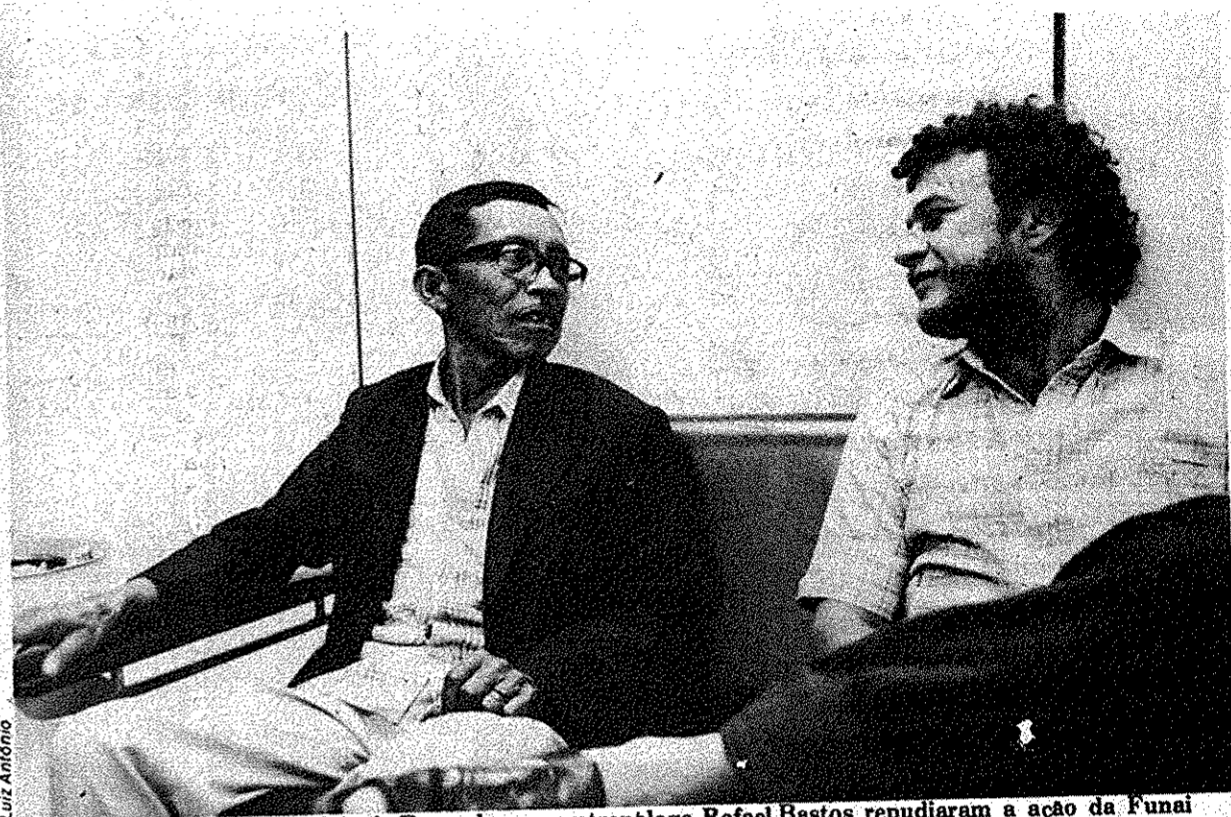
#### ANTROPOLOGOS

A Associação Brasileira Antropólogos — Seção DF, representada por Rafael Bastos, registrou ontem seu "total repúdio contra a transferência dos índios por seu caráter coercitivo, desrespeitando a dignidade humana, uma vez que foi feito sigilosamente, num momento de comoção política, na região".

— A transferência dos Pataxó desatende à legislação em vigor no que respeita aos direitos dos índios à terra, garantido pela Constituição, Estatuto dos Índios e Convenção de Genebra. Ela se caracteriza, ainda, por complacência e desleixo do órgão tutor, a Funai, que tem que defender seus direitos e não convencê-los a deixar suas terras, diz a ABA/DF.

Segundo ela faz-se necessário que a Funai garanta a defesa dos que se recusam a sair. Ela estranha que "no momento em que o presidente Figueiredo abre a Assembleia das Nações Unidas e lança o repúdio do Brasil contra o massacre dos palestinos, sendo coerente com a política externa de apoio às minorias, isso não se dê aqui, onde a política externa é capaz de fazer ouvidos surdos às nossas minorias".

O líder indígena, Marçal de Souza, considerou um "massacre" a retirada dos Pataxó de suas terras. Ele denunciou o chefe do Posto da Funai, em Dourados, MT, de dar cobertura a um grupo de 60 pessoas que é, na realidade "uma espécie de polícia arbitrária", que tem tido atitudes de violência "lamentáveis", fazendo inclusive com que três a quatro jovens se matem por mês na aldeia de campestre, por não suportarem as pressões do grupo.



Marçal de Souza, da aldeia de Dourados, e o antropólogo Rafael Bastos repudiaram a ação da Funai